

PREFÁCIO

*Em que todos poderão encontrar
as suas impressões sobre o casamento*

Um amigo fala-lhe de certa rapariga:
— É de boa família, bem-educada, bonita, e são trezentos mil francos de contado.

E logo o tomou o desejo de encontrar esta mulher encantadora.

De uma maneira geral, todos os encontros fortuitos são premeditados. E assim chegou à fala com esta mulher encantadora, que se mostra muito tímida.

O Senhor. — Uma *soirée* encantadora!...

Ela. — Oh! Isso foi!

E fica autorizado a cortejar a jovem.

A Sogra (*futura*). — Não pode calcular como a minha querida filha é capaz de dedicação.

Entretanto as duas famílias falam sobre problemas de dinheiro.

O Seu Pai (*para a sogra*). — A minha quinta vale quinhentos mil francos, minha cara senhora!...

A Sua Futura Sogra. — E a nossa casa, meu caro senhor, fica à esquina de uma rua.

Segue-se um contrato, discutido por dois horríveis notários: um menos importante e outro mais.

Depois as duas famílias acham necessário que o senhor passe pelo registo civil e pela igreja, antes de a noiva, que está farta de fazer momices, se deitar no leito conjugal.

E depois... sucede-lhe uma quantidade de pequenas misérias imprevistas, como a que se indica a seguir.

A TRAIÇÃO

Será uma pequena ou uma grande miséria? Não sei; é grande para os genros e para as vossas noras, mas muito pequena para si.

— Querida, isso é fácil de dizer, mas um filho custa muito dinheiro! — exclama um marido, feliz pai de dez filhos, que se prepara para batizar o décimo primeiro, o seu *último filho* — um nome com que as mulheres iludem as famílias.

Onde está a miséria? — perguntar-me-ão os leitores. Pois bem, esta miséria, como muitas pequenas misérias conjugais, é uma felicidade para alguém.

Há quatro meses que a vossa filha se casou; vamos dar-lhe o doce nome de Caroline e fazer dela o tipo comum de todas as esposas.

Caroline é, como não podia deixar de ser, uma rapariga encantadora, e o marido que lhe arranjaram ou é um advogado de primeira classe ou um capitão auxiliar; mas também poderá ser um engenheiro de terceira classe ou um juiz substituto, ou um jovem visconde.

Porém, o mais provável, o que principalmente procuram as famílias sensatas, o que corresponde melhor aos seus desejos, é um filho único de um rico proprietário!... (Ver o *Prefácio*.)

A esta fénix chamaremos Adolphe, qualquer que seja a sua posição na sociedade, a sua idade e a cor dos cabelos.

O advogado, o capitão, o engenheiro, o juiz, enfim, o genro, Adolphe, e sua família, viram em M^{lle} Caroline:

1.º M^{lle} Caroline,

2.º Que é sua filha única e da sua esposa.

Aqui, somos forçados a perguntar, como sucede no Tribunal, qual é a partilha.

I. Da sua mulher

A sua mulher deve vir a receber a herança de um tio materno, um velho gotoso, que ela apaparica, trata, acarinha e enche de agasalhos; isto sem contar com a fortuna do próprio pai. Caroline sempre adorou o tio, o seu tio, que a fazia saltar sobre os joelhos, o seu tio que... o seu tio que... o seu tio, enfim... cuja herança se avalia em duzentos mil francos.

Da sua mulher... pessoa bem conservada, mas cuja idade foi objeto de graves reflexões e de um longo exame por parte de toda a parentela do seu genro. Depois de muitas escaramuças entre as respectivas sogras, estas acabaram por confiar mutuamente os seus pequenos segredos de mulheres já maduras.

— E a senhora?

— Eu, graças a Deus, já estou livre disso! E a senhora?

— Eu? Parece-me que também já estou! — respondeu a sua mulher.

— Podes casar com Caroline — disse a mãe de Adolphe para o seu futuro genro —; Caroline será a única herdeira da mãe, do tio e do avô.

II. A Sua Parte

Pois tem a haver do seu avô materno, um bom velhote cuja herança não lhe será disputada: está gagá e, por consequência, incapaz de testar.

A sua parte, sim! O senhor é uma pessoa amável, mas levou uma vida bastante libertina na mocidade.

— Ah! O senhor fez das boas! — disse-lhe, a si, o pai do seu caro Adolphe.

Aliás, está agora com cinquenta e nove anos, a sua cabeça já tem uma boa calva; parece um joelho a furar através de uma peruca cinzenta.

3.º Um dote de trezentos mil francos!...

4.º A única irmã de Caroline é uma patetinha de doze anos, achacada, que promete não morrer de velha.

5.º A sua própria fortuna, sogro (em certos meios, tratam-no por papá-sogro), vinte mil libras de rendimento, que dentro em pouco aumentarão com uma herança.

6.º A fortuna da sua mulher, que deve crescer com duas heranças: a do tio e a do avô.

Três heranças e as economias, fazem	750 000 fr.
A sua fortuna	250 000
A da sua mulher	250 000
	<hr/>
Total	1 250 000 fr.

que não se podem deixar fugir!...

Eis a autópsia de todos estes brilhantes himeneus que voltejam pelos salões, que dançam e se alimentam, de luvas brancas, botoeira florida, raminhos de flores de laranjeira, canutilhos, véus, trens e cocheiros que vão do Registo Civil à igreja, da igreja para o banquete, do banquete para o baile, e do baile para a câmara nupcial, por entre as notas da orquestra e os gracejos consagrados que dizem os destroços daqueles que foram *dandies*¹. Pois não é verdade que existem na boa sociedade vários destroços de *dandies*, do mesmo modo que existem destroços de cavalos ingleses? Sim, aqui têm a osteologia dos mais amorosos desejos.

A maior parte dos parentes emitiu a sua opinião acerca deste casamento.

Os do lado do noivo:

— Adolphe fez um bom negócio.

Os do lado da noiva:

— Caroline fez um ótimo casamento. Adolphe é filho único, virá a ter sessenta mil francos de rendimento, *mais dia, menos dia!*

Um dia, o feliz juiz, o engenheiro feliz, o feliz capitão ou o feliz advogado, o feliz filho único de um rico proprietário, Adolphe, enfim, vem jantar a sua casa, acompanhado da família.

A sua filha Caroline sente-se extremamente orgulhosa da forma um pouco abaulada da sua cintura. Todas as mulheres manifestam uma inocente tafularia por ocasião da sua primeira gravidez. Tal como o soldado que se aperalta para a primeira batalha, assim elas gostam de se mostrar pálidas e com um arzinho adoentado; levantam-se de uma maneira especial e caminham com graciosos modos afetados. Ainda são flores, mas já trazem em si um fruto: antecipam-se à maternidade. Todos estes modos são muitíssimo encantadores... da primeira vez.

A sua mulher — que é agora a sogra de Adolphe — submete-se a coletes de alta pressão. Quando a filha ri, chora; quando Caroline exhibe a sua felicidade, esconde a dela. Depois do jantar, os olhos clarividentes da irmã da sogra adivinharam aquilo que se tramou no escuro.

“A sua mulher está grávida!” A novidade rebenta e o seu mais velho amigo de infância diz, a rir:

— Ah! Com que então fez das suas?

Resta ainda alguma esperança numa consulta que se efetuará no dia seguinte. E o senhor, um homem de coragem, cora, pensa que talvez se trate de hidropisia... E eis que os médicos anunciam a chegada de um *último filho!*

Alguns maridos timoratos vão então para o campo ou decidem uma viagem à Itália. Enfim, uma estranha confusão reina na sua casa. O senhor e a sua mulher encontram-se os dois numa falsa posição.

— O quê! Tu, meu velho maganão, tu não tens vergonha de...?

— diz-lhe um amigo seu, quando o encontra na rua.

— E então? Pois é verdade! Faça o mesmo! — responde, encolerizado.

— O quê?! No dia em que a tua filha...? Mas isso é imoral! E como é que uma mulher dessa idade? Isso é uma doença!

— Fomos roubados, é como se tivéssemos sido assaltados num bosque! — diz a família do seu genro.

Num bosque! É uma expressão engraçada, para a sogra.

Esta família espera que essa criança, que vem destruir as esperanças de riqueza, seja como todos os filhos de velhos, um escrofuloso, um enfermo, um aborto. Vingará?